

Amor de Yahveh, templo e pobres

Notas introdutórias sobre Malaquias

Haroldo Reimer

O livro de Malaquias apresenta conteúdos teológicos que o colocam na ordem do dia vida litúrgica e de fé de comunidades cristãs e também judaicas. Por um lado está o texto de Ml 3,7-10 como motivador-mor da prática da entrega do dízimo para os empreendimentos eclesiais. Esse texto, por sua vez, se expressa através de uma linguagem de teologia da retribuição. Há que se encher o tesouro da casa do Senhor para que ele possa derramar “bênçãos sem medida” (v.10) e “reprender o devorador” (v.11). O outro motivo teológico de grande influência é o anúncio da vinda do mensageiro para preparar o caminho do Senhor (3.1). Esse anúncio do mensageiro, como era de esperar, teve diversas e diferentes interpretações ao longo do tempo: o profeta Elias recebe a identificação mais placativa (3,23) com repercussões até o tempo de Jesus, e este identifica o mensageiro na pessoa de João Batista (Mt 11,10). Devido à estrutura polissêmica do texto do anúncio, outras interpretações são também possíveis.

No breve espaço deste artigo queremos apresentar algumas pinceladas sobre o livro de Malaquias a partir da história da pesquisa bem como destacar algumas linhas teológicas deste escrito profético.

Personagem, texto e conteúdos

Na literatura sobre Malaquias encontra-se frequentemente a discussão sobre a historicidade do personagem que dá nome ao livro. E aí as posições são variadas. Há autores que acham que, à semelhança da profecia pré-exílica, deve tratar-se de um personagem histórico, cujas palavras tiveram seu primeiro lugar vivencial na pregação oral de um profeta com tal nome.^[1] Outros pensam que o nome “Malaquias” é somente o desdobramento programático da expressão “meu mensageiro” de 3,1, devendo-se pensar de saída em um personagem anônimo.^[2] Esta anonimidade pode ser ainda exponenciada, na opinião de outros, no sentido de que pode tratar-se de desde o início de um processo de profecia escrita. Isto é, o surgimento do texto adviria de momentos e processos de intervenção social através da leitura de tais textos escritos. De qualquer forma, tanto na aceção de uma pregação oral quanto em texto escrito, está contemplada a estrutura dialógica do texto, marcado justamente pelo seu caráter de palavras de disputa.^[3] Há ainda autores que, na linha da profecia originariamente fixada por escrito, acham que Malaquias não nasceu como escrito próprio, mas como parte final do livro de Zacarias, sendo desmembrado deste somente no processo de redação e composição dos Doze Profetas Menores.^[4] Pelo menos é interessante notar que o título atribuído ao escrito em 1,1 “proclamação” (hebraico: *masah*) aparece também em Zc 9,1 e 12,1.

Diante da diversidade de perspectivas, aqui assumimos provisoriamente a concepção de que na origem deve haver algum tipo de personagem profético, provavelmente até anônimo, e que o atual nome do livro e profeta tenha sido tomado da indicação programática de 3,1. É bem possível e até provável que o texto já tenha um esboço fixado por escrito no seu momento originário. O importante é o destaque à dimensão dialógica do texto, devendo-se pressupor algum tipo de intervenção social, seja pelo recurso da oralidade seja pelo recurso do texto escrito proferido publicamente. No tocante ao texto, pode-se partir de um texto-base, que recebeu acréscimos e releituras.^[5]

O *estilo* dominante e marcante do livro Malaquias são as palavras de discussão ou de disputa. Tais palavras são pensadas claramente dentro de uma dinâmica dialógica: o personagem está em disputa com interlocutores judaicos para os quais há um certo indiferentismo em relação ao amor e ao juízo de Yahveh, assim como em relação ao serviço cultural no templo (sacrifícios e dízimos) e no cuidado com os pobres.

Em geral, faz-se uma subdivisão do livro em seis dessas unidades de discussão ou disputa, podendo o todo, excetuando-se introdução e conclusões, ser estruturado de forma concêntrica.^[6]

	1,1	Título
A	1,2-5	amor de Yahveh por Israel x juízo sobre Edom
B	1,6-2,9	negligência nos sacrifícios e no ensino da Torá
C	2,10-16	casamento com mulheres estrangeiras

C'	2,17-3,5	conflitos e exploração dos pobres
B'	3,6-12	dízimo, conflito entre sacerdotes e leigos
A'	3,13-21	salvação dos justos e destruição dos ímpios
	3,22	epílogo I: referência a Js 1,7.13 e Dt 5,1;11,32; 12,1; 26,12
	3,23-24	epílogo II: referência a 1Rs 19 e Is 66

Observando-se esta *arquitetura literária* do atual livrinho de Malaquias, pode-se fazer algumas observações indicativas para possíveis conclusões.

Destaca-se que no centro da estrutura (C-C') há referências a questões sociais. Por um lado indica-se para o problema dos casamentos mistos e para as possíveis e prováveis tentativas de repúdio de mulheres estrangeiras (2,10-16). Por outro lado, em meio a temas de ordem ético-religiosa há uma defesa da integridade social e da dignidade das tradicionais *personae miserae*: viúvas, órfãos, estrangeiros e diaristas (3,5).

Na moldura intermediária (B-B') são tematizadas questões mais diretamente relativas ao templo. Por um lado fala-se da negligência especialmente de sacerdotes nas práticas cútico-rituais e no ensino da Torá (1,6-2,9) e, por outro lado, reivindica-se as devidas entregas de dízimos e ofertas para o funcionamento das atividades no templo em Jerusalém.

A moldura externa (A-A') trata da questão do amor maior de Yahveh por Israel e do amor menor (ódio?) por Edom (1,2-5). Tematicamente isso tem a sua contrapartida em 3,13-21, onde se anuncia a salvação do justo e a condenação do ímpio. Há aqui uma equivalência entre Israel e os justos.

Os temas das molduras concêntricas indicam para certa coalizão de *conteúdos*: teologicamente trata-se de um pensamento que busca reforçar a idéia do amor privilegiado de Yahveh por seu povo Israel em detrimento de outros, em particular de Edom, e isso até dentro do esquema de uma teologia da retribuição; o cerne das disputas proféticas são questões relativas ao templo e aos pobres. Este cerne marca já a própria estrutura básica de pensamento da Torá, isto é, propõe-se a necessidade de uma coalizão entre legislação profético-social e cútico-sacerdotal.

Essa confluência temática marca muito provavelmente o cotidiano do *contexto histórico* em que se deve muito provavelmente situar o nascedouro dessas discussões proféticas do livro de Malaquias. O contexto histórico-social mais provável é o período pós-exílico, sobretudo da segunda metade do século V aC em diante. A julgar pelos conteúdos das palavras de disputa, pode-se tomar a reconstrução e a reinauguração do templo em 520 aC como o *terminus a quo* e as soluções drásticas com relação aos casamentos mistos no tempo de Esdras e Neemias a partir de 450 aC (cf. Ed 10,1-17) como o *terminus ad quem*. Entre esses dois momentos deve-se localizar o surgimento das palavras do escrito Malaquias, podendo-se projetar uma possível datação do escrito-base para o ano de 480 aC^[7], com possíveis ampliações posteriores.

Estamos aí, pois, em um contexto de processo de reorganização da comunidade israelita pós-exílica. A vontade, o desejo e a necessidade dessa reorganização são pressupostos e reafirmados como sendo vontade do próprio Deus Yahveh. É possível que tentativas de restauração política (no sentido de um restabelecimento de um reinado davidida) já tenham sido superadas; a menção de um governador ou comissário (*pehah* - 1,8) pode indicar para um governo persa, anterior à constituição da província de Yehud, bem como anterior

A impressão que se tem a partir da leitura do opúsculo é de uma comunidade israelita

[1] Assim H.G.Reventlow, *Maleachi. Altes Testament Deutsch*, Gottingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1993.

[2] O. Kaiser, *Einleitung in das Alte Testament*. 5 ed., Gutersloh: Gutersloher Verlagshaus / Gerd Mohn, 1984, p.293.

[3] Essa insistência na dimensão dialógica do texto de Malaquias é assinalada sobretudo por H. Utschneider, *Kunder oder Schreiber*. Eine These zum Problem der "Schriftprophetie" auf Grund von Maleachi 1,6-2,9, Frankfurt, 1989.

[4] Assim O.H.Steck, *Der Abschluss der Prophetie im Alten Testament*. Ein Versuch zur Frage der Vorgeschichte des Kanons. Neukirchen-Vluyn, Neukirchener Verlag, 1991.

[5] Sobre as várias possibilidades em perspectiva crítico-literária, veja Erich Zenger, In: ZENGER, E. et. al., *Einleitung in das Alte Testament*. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1995, p. 434.

[6] Com leves modificações, foi assumida aqui a estrutura proposta por Erich Zenger, In: ZENGER, E. et. al., *Einleitung in das Alte Testament*. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1995, p. 433.

[7] Assim segundo Th. Lescow, *Das Buch Maleachi*. Texttheorie – Auslegung – Kanontheorie. Stuttgart, 1993, p. 148. 157s.